

A INFLUÊNCIA DOS CONCEITOS DO CÍRCULO DE BAKHTIN NA CONSTITUIÇÃO DOS PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE DE TEXTOS DO ISD

Jaqueline Elize Pereira Lima¹
Marilúcia dos Santos Domingos²

Resumo: Este artigo tem como objetivo revisitar conceitos e alguns objetivos do Interacionismo Sociodiscursivo (ISD), destacando preceitos do Círculo de Bakhtin que influenciaram a construção do aporte teórico-metodológico dessa corrente do humano na elaboração dos procedimentos de análise de textos (Bronckart, 2009 [1999]); bem como, e principalmente, visamos apresentar uma síntese dos procedimentos em questão, os quais seguem a ordem sociológica para o estudo da linguagem defendida pela perspectiva dialógica da linguagem. Os resultados expõem quais elementos compõem os gêneros e como conhecê-los por meio de uma investigação sistematizada.

Palavras-chave: Análise de texto pelo ISD. Gêneros discursivos/textuais. Procedimentos de análise de textos de Bronckart.

THE INFLUENCE OF BAKHTIN CIRCLE CONCEPTS ON TEXT ANALYSIS PROCEDURES IN SOCIODISCURSIVE INTERACTIONISM

Abstract: This article aims to revisit concepts and some objectives of Sociodiscursive Interactionism (SDI), highlighting precepts of the Bakhtin Circle that influenced the construction of the theoretical-methodological contribution of this human current in the elaboration of text analysis procedures (Bronckart, 2009 [1999]); as well as, and mainly, we aim to present a synthesis of the procedures in question, which follow the sociological order for the study of language defended by the dialogical perspective of language. The results show which elements make up genres and how to get to know them through a systematized investigation.

Keywords: SDI text analysis. Discursive/textual genres. Bronckart's text analysis procedures.

¹ Mestre em Letras. Professora da Secretaria de Educação do Estado do Paraná. E-mail: jaqueelize@yahoo.com.br

² Doutora em Estudos da Linguagem. Professora da Universidade Estadual do Norte do Paraná. E-mail: marilucia@uenp.edu.br.

Introdução

Os procedimentos de análise de textos elaborados por Bronckart foram apresentados, primeiramente, na obra “*Le fonctionnement des discours*” (Bronckart, 1985) e, posteriormente, com ampliações e reformulações, na obra “*Activité langagière, textes et discours*” (1997), traduzida para o português e publicada no Brasil em 1999, sob o título “Atividade de linguagem, textos e discursos”. Sobre tais procedimentos, afirma Bronckart, em entrevista à Revista ReVel (2006, p. 4), que

[...] o propósito do ISD não é, em si, propor um novo modelo de análise do discurso. Certamente, efetuamos esse tipo de trabalho (e isso durante várias décadas), mas apenas enquanto possa nos fornecer o auxílio necessário para abordar nosso questionamento central, que é o do papel que a linguagem desempenha, e, mais precisamente, as práticas de linguagem, na constituição e no desenvolvimento das capacidades epistêmicas (ordem dos saberes) e praxeológicas (ordem do agir) dos seres humanos”.

Nesse sentido, a proposta se constitui como importante para os estudos da linguagem, em diversas vertentes. Conforme o próprio estudioso, o objetivo é “colocar em evidência as ‘regras de base’ de organização de todos os textos” (Bronckart, 2006, p. 21- grifo do autor), o que segundo Magalhães e Liberali (2004, p. 108), permite ao investigador compreender o funcionamento dos discursos. Em decorrência, tornou-se uma ferramenta fundamental para o entendimento do papel que a linguagem desempenha nas práticas sociais de linguagem existentes.

Assim, o objetivo deste artigo é revisitar conceitos e alguns objetivos do ISD, destacando preceitos do Círculo de Bakhtin³ que influenciaram a construção do aporte teórico-metodológico do ISD na elaboração dos procedimentos de análise de textos (Bronckart, 2009 [1999]), bem como, e principalmente, fazer uma síntese dos procedimentos em questão, de forma a apresentá-los de maneira mais didática.

³ De acordo com Faraco (2003), Círculo de Bakhtin é o nome dado a um conjunto de estudiosos de diversas formações que se reuniam na Rússia entre 1919 e 1929 e que contribuíram, significativamente, para a Filosofia da Linguagem. Dentre eles destacam-se Mikhail M. Bakhtin, Valentin N. Volochinov e Pavel N. Medvedev.

1. O Interacionismo Sociodiscursivo

Conforme Guimarães, Machado e Coutinho (2007), o ISD delineia-se a partir de 1980, com base, principalmente, em Vygotsky⁴, no que se refere ao estudo sobre o desenvolvimento humano, e nos preceitos do Círculo de Bakhtin, no campo da linguagem. O princípio é o de que a linguagem humana é um instrumento organizador do desenvolvimento humano.

Sobre os objetos dos estudos, de forma geral, explicam Guimarães, Machado e Coutinho (2007), que Bronckart, fundador do ISD, tem como foco questões mais teóricas, com ênfase na epistemologia das ciências humanas; nas contribuições da teoria saussuriana do signo e das teorias da ação, bem como nas condições de aquisição dos níveis de organização textual, no funcionamento dos textos/discursos e nos processos de produção textual. Outros pesquisadores do ISD, entre eles Dolz e Schneuwly, se voltam para uma vertente mais didática, a qual, de forma sintética, envolve “as diferentes capacidades de linguagem que se desenvolvem no ensino/aprendizagem formal dos gêneros e dos diferentes níveis da textualidade” (Guimarães; Machado; Coutinho, 2007, p. 10).

Com relação ao princípio fundante, o ISD apregoa que a linguagem, para e na interação social, é ferramenta construtora da cidadania. À medida que o indivíduo desenvolve e domina capacidades de linguagem para a produção e compreensão de textos, mais comprehende a realidade que o cerca e potencializa seu agir para participar das práticas sociais, conforme esclarece Striquer (2015, p. 113):

Ao desenvolver suas capacidades de linguagem, o indivíduo sabe eleger, adaptar, transformar um gênero para participar de uma situação comunicativa, pois ele sabe quais são os elementos fundamentais que constituem o gênero textual: as características contextuais e do referente, os modelos discursivos que compõem a infraestrutura, os recursos linguístico-discursivos e as operações psicolinguísticas do gênero em referência. Consequentemente, esse indivíduo sabe produzir/interpretar um gênero e com ele participar da sociedade.

Nesse sentido, para compreender o que são gêneros textuais para o ISD, dada sua importância, recorremos às palavras de Bronckart (2009 [1999], p. 69) na afirmação de

⁴ Seguimos a ortografia do nome de Vygotsky conforme consta na obra de Guimarães, Machado e Coutinho (2007).

que “[...] uma língua natural só pode ser apreendida através das produções verbais efetivas, que assumem aspectos muito diversos, principalmente por serem articuladas a situações de comunicação muito diferentes”.

Portanto, para o teórico, é analisando os textos, denominados de produções verbais efetivas, os quais materializam os diversos e diferentes gêneros existentes na sociedade, que é possível apreender o agir humano. E ainda, a assertiva é a de que os textos assumem aspectos diversos, pois ao existirem “contextos sociais muito diversos e evolutivos, consequentemente, no curso da história, no quadro de cada comunidade verbal, foram elaborados diferentes ‘modos de fazer’ textos, ou diferentes **espécies de textos**” (Bronckart, 2009 [1999], p. 72, grifos do autor), ou diferentes gêneros textuais.

Essa concepção, que revela a essência do gênero, tem origem nos preceitos do Círculo de Bakhtin, abordados a seguir.

3. Gêneros do discurso na perspectiva bakhtiniana

Para que seja possível apresentar a concepção de gêneros para o Círculo de Bakhtin, é preciso, também, abordar o conceito de dialogismo e de interação verbal, visto que eles estão estreitamente vinculados um ao outro.

Segundo Marcuschi (2008, p. 147), o estudo dos gêneros iniciou-se há mais de 25 séculos, por meio de Platão e Aristóteles, com foco nos gêneros da literatura. No início do século XX, entretanto, o Círculo de Bakhtin promoveu um avanço dos estudos em uma perspectiva dialógica/discursiva. Em síntese, o Círculo criticava, entre outros pontos, os estudos que naquele momento não consideravam a natureza dinâmica, viva e dialógica da linguagem, uma vez que, conforme Bakhtin (2016 [1979], p. 26):

[...] todo falante é por si só mesmo um respondente em maior ou menor grau: porque ele não é o primeiro falante, o primeiro a ter violado o eterno silêncio do universo, e pressupõe não só a existência do sistema de língua que usa mas também de alguns enunciados antecedentes – dos seus alheios – com os quais o seu enunciado entra nessas ou naquelas relações.

Nessa perspectiva, o diálogo é o fenômeno fundante da interação. O falante/produtor, ao emitir um discurso em uma interação verbal — seja na fala, na escrita ou nos gestos —, reproduz outros discursos em todas as situações de interação. Por exemplo: ao ministrar um conteúdo escolar em sala de aula, o docente constrói o seu discurso diante de outros com que teve contato em sua formação inicial, na formação

continuada, nos livros teóricos científicos que teve como aporte teórico, no livro didático que utiliza, no Projeto Pedagógico da escola e nos documentos oficiais prescritivos. Ou seja, o discurso é constituído por antecedentes que fundamentaram o conhecimento historicamente produzido, objeto do conteúdo escolar.

Assim, o conceito de “diálogo” como uma estrutura de conversa em voz alta, face a face entre dois ou mais indivíduos, é ampliada e complexificada. Para Bragagnollo (2011, p. 22), diálogo, nessa perspectiva, é o “que mantemos com nossos conhecimentos prévios, nossa leitura de mundo e com outras vozes que circundam um ato de enunciação”. Segundo Volochinov (2017 [1929], p. 205), cada enunciado é “um elo na corrente” de outros. Desse modo, todo falante é um respondente, visto que seu discurso constitui uma resposta a outros que com ele dialogaram e, ao mesmo tempo, dá início a novos discursos.

Esse caráter dialógico da linguagem, portanto, coloca em evidência o papel do outro na construção dos discursos. Conforme Volochinov (2017 [1929], p. 205), toda palavra é determinada não somente por aquele que a profere como também por aquele para quem se dirige, sendo “território comum entre o falante e o interlocutor”. Nas palavras de Bakhtin (2016 [1979], p. 25), “toda compreensão é prenhe de resposta”, ou seja, uma vez que o ouvinte/leitor comprehende o significado do discurso, assume uma ativa posição de resposta frente a ele para concordar, discordar, complementar, modificar, reproduzir e ampliar. Então,

Nosso discurso, isto é, todos os nossos enunciados (inclusive as obras criadas) é pleno de palavras dos outros, de um grau variável de alteridade ou de assimilabilidade, de um grau variável de aperceptibilidade e de relevância. Essas palavras dos outros trazem consigo a sua expressão, o seu tom valorativo que assimilamos, reelaboramos e reacentuamos (Bakhtin, 2016 [1979], p. 54).

Em decorrência, para o Círculo, a linguagem é interação social, a qual promove os diálogos entre os “sujeitos do discurso” (Bakhtin, 2016 [1979], p. 29), pela e na alternância e retomada de falas, em atitudes responsivas ativas. É essa alternância que define os limites de cada enunciado concreto, unidade da comunicação discursiva.

Para abordar o conceito de enunciado concreto, ou gêneros do discurso, na terminologia do Círculo, retomamos a afirmação de Bakhtin (2016 [1979], p. 11) de que

“o emprego da língua se efetua em forma de enunciados (orais e escritos) concretos e únicos, proferidos pelos integrantes desse ou daquele campo da atividade humana”.

Os campos correspondem às diferentes situações comunicativas existentes, exemplificados por Bakhtin (2016 [1979], p. 12) como “campos da vida, campos oficiais, campo das ordens militares, campos da criação”, e que podem ser ampliados ou detalhados como campo jornalístico, escolar, religioso, familiar, jurídico, político, empresarial, entre muitos outros. Em cada campo, atividades de linguagem ou práticas sociais são realizadas. Por exemplo, no campo escolar o professor realiza a prática de fazer chamada de alunos; ação essa que não cabe aos discentes, que executam a prática específica de responder a exercícios. Assim, em cada campo os indivíduos elaboram “[...] *tipos relativamente estáveis* de enunciados, os quais denominamos *gêneros do discurso*” (Bakhtin, 2016 [1979], p. 12, grifo do autor) e cada um dos inúmeros gêneros existentes refletem as especificidades do campo do qual participa e materializa a prática social à qual está vinculado. Em detalhamento: na escola, o professor faz a chamada de alunos — a chamada é um gênero do discurso; o aluno responde a exercícios — a resposta a exercícios é um gênero do discurso.

Bakhtin (2016 [1979]) ainda explica que todos os gêneros são formados por três elementos: o conteúdo temático, a construção composicional e o estilo. O conteúdo temático envolve o tema, isto é, a temática em abordagem no gênero e, segundo Rojo (2005, p. 196), são “conteúdos **ideologicamente conformados** — que se tornam comunicáveis (dizíveis) através dos gêneros” (grifo da autora). Na definição de Striquer (2015, p. 106) o tema é “o que pode ser tido dentro de um campo” a partir da valoração que autor dá ao tema e, também, a de seu interlocutor, do lugar, do momento e do objetivo da interação verbal. A construção composicional diz respeito, conforme Bakhtin (2016 [1979]), aos elementos que promovem estabilidades ao gênero. Para Rojo (2005, p. 196), tais elementos referem-se ao conjunto que constitui a estrutura textual formal. E o estilo, para o autor, é inseparável do conteúdo temático, assim como é a construção composicional. Conforme Striquer (2015, p. 106), o “estilo diz respeito às unidades linguístico-discursivas relativamente estabilizadas em um gênero”.

Diante de todos esses conceitos, para o Círculo, a língua/linguagem deve ser sempre estudada a partir de uma ordem metodológica e sociológica, a saber

1) formas e tipos de interação discursiva em sua relação com as condições concretas; 2) formas dos enunciados ou discursos verbais singulares em relação estreita com a interação da qual são parte, isto é, os gêneros dos discursos verbais determinados pela interação discursiva na vida e na criação ideológica; 3) partindo disso, revisão das formas da língua em sua concepção linguística habitual (Volochinov, 2017 [1929], p. 220).

Essa ordem foi adotada pelo ISD para o estudo da estrutura e do funcionamento das espécies de texto em uso. Em decorrência, o foco recai “primeiramente, nas condições sociopsicológicas da produção dos textos e depois, considerando essas condições, na análise de suas propriedades estruturais e funcionais internas” (Bronckart, 2009 [1999], p. 77), o que foi sintetizado, de forma mais didática, em um conjunto de procedimentos para análise de textos em Bronckart (2009 [1999]).

4. Os procedimentos de análise de textos de Bronckart

Bronckart (2009 [1999]) explica que todo e qualquer gênero é composto por segmentos linguístico-discursivos finitos. Contudo, estes são eleitos e organizados em interdependência, e em reflexo, do campo de atividade humana na qual está inserido o gênero, da prática social de linguagem que ele manifesta, entre outros aspectos contextuais. Nessa perspectiva, o teórico elaborou procedimentos para análise de textos, os quais são constituídos pela metodologia sociológica do Círculo de Bakhtin, e, portanto, as orientações para o pesquisador é a de que o processo de análise deve focar

- primeiro, as condições e os processos de interação social: em termos contemporâneos, as diversas redes e formas de atividade humana;
- depois as “formas de enunciação”, que verbalizam ou semiotizam essas interações sociais no quadro de uma língua natural;
- enfim, a organização dos signos no interior dessas formas, que, segundo o autor, seriam constituídos das ‘ideias’ e do pensamento humano consciente (Guimarães; Machado; Coutinho, 2007, p. 21, grifos das autoras).

Assim, o investigador realiza uma pesquisa bibliográfica e exploratória do gênero em abordagem com a finalidade de conhecer as definições teóricas e compreender seu funcionamento na sociedade; depois faz uma seleção a fim de elaborar uma coletânea de “textos empíricos” (Bronckart, 2009 [1999], p. 78) representativos de uma realidade comunicativa, socialmente estabelecidos e valorizados.

Diante da heterogeneidade e mobilidade dos gêneros textuais, a quantidade de produções textuais para formar a coletânea varia de acordo com os objetivos propositivos do pesquisador e do estudo, segundo Bronckart (2009 [1999]). Sobre essa coletânea, o objetivo é identificar as características que são regulares do gênero, observando os elementos que o constituem, buscando, em primeiro plano, constatar a intenção comunicativa que dá origem ao gênero, o campo da atividade humana/esfera social, a prática social manifestada pelo gênero e, como resultado desses fenômenos, a forma de organização dos elementos característicos no interior de um gênero; elementos que Striquer (2014) sintetiza como apresentado no Quadro 1.

Quadro 1- Elementos que constituem os gêneros, segundo Bronckart (2009 [1999])

CONTEXTO DE PRODUÇÃO	A ARQUITETURA INTERNA
<p><i>Parâmetros do mundo físico:</i> -emissor, receptor, espaço e momento em que o texto é produzido;</p>	<p><i>Infraestrutura textual:</i> -plano geral do texto, tipos de discurso, tipos de sequência, formas de planificação;</p>
<p><i>Parâmetros do mundo social e subjetivo:</i> -elementos da interação comunicativa que integram valores, normas e regras;</p>	<p><i>Mecanismos de textualização:</i> -conexão, coesão nominal e coesão verbal;</p>
<p><i>Conteúdo temático do texto.</i></p>	<p><i>Mecanismos enunciativos:</i> -vozes e marcação das modalizações presentes em um texto.</p>

Fonte: Striquer (2014, p. 316).

O contexto de produção é definido por Bronckart (2009 [1999], p. 93) “como o conjunto dos parâmetros que podem exercer uma influência sobre a forma como um texto é organizado”. Tais parâmetros são da ordem do mundo físico e do mundo social. Nesse sentido, o emissor físico do texto é o indivíduo que literalmente o produz, é o autor do texto, o agente produtor; o receptor físico, no mesmo sentido, é o ouvinte/leitor. Emissor e receptor participam sempre de um agir comunicativo em um local, espaço físico, e em um determinado momento (histórico ou extensão de tempo).

Em relação ao mundo sociossubjetivo, os parâmetros refletem as relações sociais, uma vez que o emissor e o destinatário ocupam papéis sociais dentro das situações de interação. Igualmente importante conhecer é o objetivo da interação e a temática em tratamento no texto, a qual é constituída pela valoração dada pelos participantes da

interação. Os elementos do contexto de produção correspondem ao conteúdo temático da concepção bakhtiniana.

A arquitetura interna é formada por três camadas superpostas no texto: a infraestrutura textual, os mecanismos de textualização e os mecanismos enunciativos (Bronckart, 2009 [1999]). A infraestrutura textual contempla o plano textual global, os tipos de discurso e os tipos de sequências e suas formas de planificação. Todos esses itens são equivalentes à construção composicional definida por Bakhtin (2016 [1979]), na medida em que se referem aos elementos que promovem estabilidade ao gênero e que se definem e organizam a partir do conteúdo temático.

De acordo com Bronckart (2009 [1999], p. 120), o plano textual global relaciona-se à estrutura do gênero. Alguns gêneros podem até mesmo ser reconhecidos pela estrutura, pois assumem uma organização mais estável, como é o caso de uma receita culinária, geralmente disposta em um título, uma lista dos ingredientes e orientações para as ações ou modo de fazer o alimento. Já outros gêneros são mais relativamente estáveis, como um poema, que pode ter rimas e estrofes ou não.

Em relação aos tipos de discurso, Bronckart (2009 [1999]) apresenta quatro tipos: o discurso da narração, o relato interativo, o discurso teórico e o discurso interativo. O discurso é da ordem do narrar quando o mundo discursivo está situado em um “outro lugar” que não é exatamente o mesmo do mundo ordinário/real (Bronckart, 2009 [1999]), isto é, o discurso está em “disjunção entre o mundo discursivo e as coordenadas que envolvem o emissor, o receptor, ao lugar e ao momento físico da produção do texto” (Striquer, 2014, p. 317).

O relato interativo ocorre “quando o tema não tem relação com o agente produtor [...] é o discurso das personagens participantes” (Striquer, 2014, p. 318), assim, a conjunção ocorre entre o mundo dessas personagens e o mundo discursivo. O discurso interativo organiza o texto quando “os fatos são apresentados como sendo acessíveis no mundo ordinário dos protagonistas da interação de linguagem” (Bronckart, 2009 [1999], p. 153). Desta forma, o texto apresenta uma interação direta entre os interlocutores, com marcações da interação com o uso, por exemplo, de pronomes de primeira pessoa do discurso. E o discurso teórico é, segundo Bronckart (2009 [1999], p. 160), “objeto de um expor, que se caracteriza por uma autonomia completa em relação aos parâmetros físicos da ação da linguagem de que o texto se origina”. Bronckart (2009 [1999], p. 120) explica,

ainda, que “as articulações entre tipos de discurso podem tomar diferentes formas”, salientando, por exemplo, que podem se organizar no texto por encaixamento, dependência de um segmento de tipo de discurso em relação ao outro; por fusão, combinação em um mesmo segmento de dois tipos diferentes de discurso, entre outras formas.

No caso da sequenciação, Bronckart (2009 [1999]) as classifica em seis tipos: narrativa, descriptiva, argumentativa, explicativa, dialogal e injuntiva. A sequência narrativa refere-se a uma organização de acontecimentos de uma unidade temática a partir de um processo de intriga, “de modo a formar um todo, uma história ou ação completa, com início, meio e fim” (Bronckart, 2009 [1999], p. 220), ou situação inicial, transformação e situação final. Nessa perspectiva, o teórico considera essas três fases o modelo mais simples, mas não o único.

A sequência descriptiva refere-se ao efeito pretendido pelo agente-produtor em relação ao tema: “fazer ver em detalhes” ou “guiar o olhar do destinatário” (Bronckart, 2009 [1999], p. 235). Conforme o teórico, essa sequência apresenta um nível de organização geral de três fases: ancoragem, em que o tema da descrição é apresentado; aspectualização, enumeração dos diversos aspectos do tema; relacionamento, assimilação dos elementos descritos a outros, por meio de comparação ou metáfora.

Segundo Bronckart (2009 [1999], p. 234), o objeto do discurso é organizado em uma sequência argumentativa “quando o agente produtor considera que um aspecto do tema que expõe é contestável (a seu ver e/ou ao do destinatário)”. O autor explica a planificação dessa sequência em quatro fases: premissas (constatação de partida); apresentação de argumentos; apresentação de contra-argumentos e conclusão.

A sequência explicativa implica um desenvolvimento que responda/explique questões ou contradições referentes a um acontecimento natural ou de uma ação humana. Tal desenvolvimento é efetuado por “um agente autorizado e legítimo, que explica as causas e/ou razões da afirmação inicial, assim como as das questões e contradições que essa afirmação suscita” (Bronckart, 2009 [1999], p. 229). Ainda para este autor, essa sequência comporta quatro fases: a constatação inicial; a problematização, em que se explicita o porquê ou como; a resolução, em que se explica as questões iniciais; a conclusão-avaliação, em que completa ou reformula a constatação inicial.

A sequência dialogal concretiza-se nos segmentos de discursos interativos dialogados, estruturados em turnos de fala e “são diretamente assumidos pelos agentes-produtores envolvidos em uma interação verbal, ou [...] são atribuídos a personagens postos em cena” (Bronckart, 2009 [1999], p. 231). De forma geral, o autor cita três fases elementares da sequência dialogal: a abertura, o contato entre os participantes da interação verbal; a fase transacional, em que o conteúdo temático é construído; a fase do encerramento, fim à interação.

A sequência injuntiva se caracteriza por segmentos de textos que traduzem o objetivo de ordem, pedido, afirmação do agente-produtor em relação a seus interlocutores, “essas sequências são sustentadas por um objetivo próprio ou autônomo: o agente produtor visa a fazer agir o destinatário de um certo modo ou em determinada direção” (Bronckart, 2009 [1999], p. 237).

Os elementos que formam os mecanismos linguísticos de um texto, segundo os procedimentos de análise de texto elencados por Bronckart (2009 [1999]), são os mecanismos de textualização e os mecanismos enunciativos. Esses mecanismos, partindo de um comparativo de terminologias, equivalem ao estilo na concepção bakhtiniana. Para Bakhtin (2016 [1979], p. 64) a composição e o estilo não se dissociam, assim, na interação verbal, a escolha do gênero perpassa pela “escolha dos procedimentos composticionais e, por último, dos meios linguísticos, isto é, o estilo do enunciado”.

Os mecanismos de textualização “são voltados à manutenção da coerência do conteúdo temático, devido ao fato de que organizam, em séries lineares, a progressão e a evocação das unidades de representação mobilizadas e semiotizadas em um texto” (Bronckart, 2009 [1999], p. 16), ou seja, explicitam relações de continuidade, demarcação, contraste do conteúdo temático; como também visam à organização textual perante a coerência, a coesão nominal e verbal. Os mecanismos de textualização são organizados por estes três conjuntos: a conexão, a coesão nominal e a coesão verbal.

Bronckart (2009 [1999], p. 263) expõe que a conexão é formada por “organizadores textuais”, diversas unidades linguísticas que assinalam a junção das frases, bem como “podem assinalar as transições entre tipos de discurso constitutivos de um texto, entre fases de uma sequência ou de uma outra forma de planificação”. Já a coesão nominal utiliza anáforas, subconjuntos de unidades, com a função de introduzir argumentos (temas, personagens) e organizar sua retomada a fim de garantir a dependência da

linearidade textual; conforme Bronckart (2009 [1999], p. 263), tais procedimentos produzem “um efeito de estabilidade e de continuidade”. Os mecanismos de coesão verbal são realizados pelos tempos verbais e contribuem para a evolução do conteúdo temático, além de marcarem relações de “continuidade, descontinuidade e/ou de oposição existentes entre os elementos de significação expressos pelos sintagmas verbais” (p. 273).

Bronckart (2009 [1999]) elenca que os mecanismos enunciativos são voltados à manutenção da coerência pragmática do texto, esclarecem os posicionamentos enunciativos e as opiniões formuladas acerca de aspectos do conteúdo temático. Logo, os mecanismos enunciativos são explicitados pelas vozes presentes no texto e pelas modalizações. Sobre voz enunciativa, o autor afirma “é a instância geral de enunciação que assume diretamente a responsabilidade do dizer” (Bronckart, 2009 [1999], p. 326) e pode ser verificada, de forma geral, em três categorias: 1) vozes de personagens: procedem dos agentes implicados nos acontecimentos, por exemplo, animais em cena em contos; 2) vozes sociais: procedem de “pessoas ou instituições sociais que não são agentes dos acontecimentos, mas são mencionadas por realizarem avaliações sobre o conteúdo temático” (Striquer, 2014, p. 321); 3) voz do autor: procede diretamente do agente produtor que intervém, comenta ou avalia aspectos da enunciação.

As modalizações configuram o texto, estabelecendo sua coerência pragmática e interativa, dessa forma, contribuem para a interpretação do tema pelo destinatário (Bronckart, 2009 [1999], p. 330). Para tanto, as modalizações utilizam os seguintes recursos linguísticos: tempos verbais no futuro do pretérito, orações impessoais (pode realizar, é evidente que...), verbos auxiliares de modalização (querer, poder, dever), advérbios (sem dúvida, infelizmente) e outros conjuntos de frases.

5. Considerações finais

Em suma, os procedimentos de análise de texto de Bronckart (2009 [1999]) apresentam um relevante quadro teórico-metodológico para que um pesquisador possa conhecer quais são os elementos característicos regulares de um gênero textual, compreendendo, de forma prática, a ordem sociológica de estudo da língua apresentada pelo Círculo e assumida pelo ISD.

Esperamos que tais procedimentos possam ser ferramenta de auxílio para que pesquisadores, professores e interessados em estudar a linguagem possam compreender

as especificidades que formam o diferentes e diversos gêneros que existem na sociedade e deles se apropriarem para nela participar crítica e ativamente.

6. Referências

BAKHTIN, Mikhail. **Os gêneros do discurso.** Organização, tradução, posfácio e notas de Paulo Bezerra. Notas da edição russa de Serguei Botcharov. São Paulo: Editora 34, 2016 [1979].

BRAGAGNOLLO, Rubia Mara. **O gênero resumo acadêmico na formação docente inicial.** Dissertação (Mestrado em Letras) - Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2011.

BRONCKART, Jean-Paul. [1999]. **Atividade de linguagem, discurso e desenvolvimento humano.** Tradução de Anna Rachel Machado e Maria de Lourdes Meirelles Matencio. 2. ed. Campinas: Mercado das Letras, 2009.

BRONCKART, Jean Paul. Interacionismo Sócio-discursivo: uma entrevista com Jean Paul Bronckart. Tradução de Cassiano Ricardo Haag e Gabriel de Ávila Othero. Revista Virtual de Estudos da Linguagem - **ReVEL**. Vol. 4, n. 6, março de 2006.

FARACO, Carlos Alberto. **Linguagem & diálogo:** as ideias linguísticas do círculo de Bakhtin. Curitiba: Criar, 2003.

GUIMARÃES, Ana Maria de Mattos; MACHADO, Anna Rachel; COUTINHO, Antónia (Orgs.). **O interacionismo sociodiscursivo:** questões epistemológicas e metodológicas. São Paulo: Mercado de Letras, 2007.

MAGALHÃES, Maria Cecília Camargo; LIBERALI, Fernanda Coelho. O Interacionismo Sociodiscursivo em pesquisas com formação de educadores. **Calidoscópio**, São Leopoldo, v. 2, n. 2, p. 1050112, jul/dez, 2004.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão.** São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

ROJO, Roxane. Gêneros do discurso e gêneros textuais: questões teóricas e aplicadas. In: MEURER, José Luiz; BONINI, Adair.; MOTTA-ROTH, Désirée. (Orgs.). **Gêneros:** teorias, métodos, debates. São Paulo: Parábola, 2005. p. 184 – 207.

STRIQUER, Marilúcia dos Santos Domingos. O método de análise de textos desenvolvido pelo Interacionismo Sociodiscursivo. **Eutomia**, Recife, v. 1, n. 14, p. 313-334, dez. 2014.

STRIQUER, Marilúcia dos Santos Domingos. As bases epistemológicas do Interacionismo Sociodiscursivo sobre gêneros textuais. **Intersecções**, Jundiaí, v. 8, p. 102-117, 2015.

VOLOCHINOV, Valentin. **Marxismo e filosofia da linguagem.** Problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. Tradução, notas e glossário de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. Ensaio introdutório de Sheila Grillo. São Paulo: Editora 34, 2017 [1929].